

TERRA LIVRE

exposição de

Diogo Simões

30.11.2023 — 17.02.2024

curada por
António Júlio Duarte
e Natxo Checa

Terra Livre é a exposição de Diogo Simões (Miratejo, 1988) que pode ser vista na Galeria Zé dos Bois de 30 de Novembro até 17 de Fevereiro e que resulta de um processo de trabalho entre o artista, Natxo Checa e António Júlio Duarte, curadores. Debruçados sobre um corpo de trabalho fotográfico compreendido, aproximadamente, entre 2011 e 2020, o trio apresenta-nos agora uma obra que, não destabilizando a natureza da imagem fotográfica, não deixa de provocar celeuma em relação às categorias e ao enquadramento dessa imagem. Sucede, pois, que para quem gosta de mergulhar neste território de alucinações e enganos, isto é um festim. É o caso desta que vos escreve.

Com uma identidade bem consolidada e uma existência legitimada pelo sistema, na Zé dos Bois trabalha-se para expandir o território de percepções, nutrindo os sentidos de estímulos que promovem espanto, crescimento, desconforto, potência e verdade. Não sendo necessariamente um território de contra-culturas, a ZDB nunca deixou de ser um espaço de resistências várias, onde encontramos programadores e programadoras que estão alerta e é nesse contexto que se insere agora esta *Terra Livre*.

Esta terra que o Diogo habita e onde se movimenta e que foi estimulando a criação destas imagens, tem tido inúmeras representações. Falamos da Margem Sul do Rio Tejo, em particular de Almada, Caparica, Miratejo, Barreiro, Seixal, etc., e de como essa *zona*, repleta de contrastes que preservam os diálogos entre os ritmos do campo e os da urbanidade, nos aparece frequentemente representada em imagens politicamente comprometidas. O que queremos com isto dizer é que a dimensão estética das imagens realizadas nesta *zona* parece invariavelmente subjugada a uma dimensão histórica que logo tipifica, ainda antes de as deixar a planar. Uma vez isso sucedendo, o observador terá dificuldade em observar o retrato sedutor de um rapaz negro, velado por uma mancha de fumo, litrosa na mão, sem nesse retrato projectar imagens que povoam continentes e se substituem às ideias. Parecem imagens que estão *lá fora*, só que não. Para sentir, é preciso olhar *de novo*, sempre.

Na história das imagens fotográficas vai-se desenhando um conjunto de signos sobre os quais as diferentes culturas impõem significação. Esse processo não é necessariamente externo aos artistas e às artistas que as criam. Isto não é a Terra Santa e aqui não há vítimas, nem culpados. Trata-se de outra faixa, outra *zona*, outros credos. Mas aqui também se resiste. Vamos aprendendo a empoderar as imagens de vidas sociais, a maior parte das vezes sem termos consciência do endoutrinação em curso. Às vezes, dotá-las de singularidade e originalidade, é vetá-las à marginalidade. Reproduzimos, consciente ou inconscientemente, estigmas, fortalecendo o cliché. O cliché não é vazio. A reprodução de uma coisa *ad nauseum* não lhe retira força, “apenas” novidade, mas o que queremos dizer aqui é que uma fotografia de uma teia de aranha não é sempre a mesma imagem, como é óbvio. E o mesmo se aplica à fotografia da onda que desagua na praia, à fotografia do muro pichado, à fotografia da ruína, do animal morto ou embalsamado, dos sofás sem gente e das gentes sem casa. Se chegarem a ser imagens, serão autónomas, habitando os mundos das ideias e dos imaginários. O que pode ser menos óbvio é que essa fotografia da teia de aranha não é *sobre* qualquer teia de aranha, aquela ou outra. O assunto da fotografia é a própria fotografia, como o da pintura é a pintura e por aí fora. Isto não é retórica. A meta-linguagem e a arte conceptual são coisas distintas e sobre a arte contemporânea, enquanto categoria, não temos nada a dizer.

Sucede, nesta exposição, que os processos miméticos que nos permitem aceder às imagens as colocam num território distinto daquele que lhes deu origem. Natural. É também por isso que, por enquanto, evitamos desenvolver esse contexto primordial. Também é esse o calvário do artista, que tenha de se separar das imagens, reconhecendo que, para sobreviverem, elas não poderão ser senão meta-linguagem. Ora, na dimensão artística, onde se promovem experiências estéticas, todos os territórios formais, particulares e subjectivos, se transformam em lógicas materiais, acrescentando novas relações entre pensamento e matéria. Quando dessa lógica material resulta o *novo*, a linguagem do humano expande-se, mesmo que a cultura não veja. A pobre coitada é vesga, há que compreendê-lo.

Mas isto é uma folha de papel e aqui não cabem *hiperlinks*. Aquilo é uma exposição. As fotografias estão encostadas à parede e não há ecrãs. A maioria das imagens apresenta-se num formato que ronda os 75cm do lado maior, com moldura preta discreta, sem a protecção do vidro e há um conjunto de quatro imagens de grande escala, impressas em tela. A disposição é clássica, linear, mas não há narrativa. Que a viagem que atravessa as quatro salas que abrigam esta exposição se faça ao som de uma métrica popular, orientada sobretudo por diálogos de cor, luz e mancha, é um convite ao questionamento das referências aparentemente familiares das imagens. Aquilo não é fotografia documental e isto não é um texto explicativo. Aqui, para termos voz, teremos de usar palavras que significam coisas e se arriscam numa poesia de referências mastigadas por um ser particular. Ali, para experimentarmos *verdadeiramente* a imagem, teremos de fazer um processo inverso: esquecer a particularidade do indivíduo e deixar que os sentidos vejam para além do entendimento.

A fotografia é imagem e a imagem é ideia. Esta é uma afirmação estrutural e antiga, aparentemente simples, que não promove grandes discussões. No entanto, a contemporaneidade, com a sua velocidade, imediatismo e parafernália de dispositivos tecnológicos, parece ter sobrecarregado a potência de verdade que sempre habitou a pré-semiótica, de onde brota uma gramática que nos permite falar de lógicas formais e materiais, cuja origem é espiritual, no sentido em que conecta cada indivíduo com o universo. Mas se as ideias são imagens, então como é que se experimentam as imagens? Quando falamos de experiência estética, falamos de um conhecimento que vai ganhando forma nos sentidos. É também por isso que a arte

e as imagens carregam consigo a potência de abrir portas de percepção. É nesse campo vasto da imaginação e dos inconscientes individuais e colectivos que existem as imagens.

Que portas de percepção serão essas, então, que estas imagens abrem?

Antes de mais, talvez seja importante voltar à noção de que a mesma fotografia não é sempre a mesma imagem. A fotografia, enquanto técnica que nos permite materializar imagens, é apenas “mais” uma ferramenta criativa. Para aceder às suas especificidades e potências será necessário arranjar-mos disponibilidade para nos conectarmos com a sua essência, i.e., para nos espantarmos *de novo* com a sua magia.

Porque nos convocam e seduzem tanto os retratos que o Diogo aqui nos apresenta? Cativam-nos as figuras absortas nos seus mundos. Tanta gente, tantos mundos, tanta liberdade! E, ao mesmo tempo, a melancolia do gesto quotidiano encostada à surdina do monocromático, enraíza-nos. Há vacas transportadas por cometas de luz para um lugar sagrado, de onde sobreviverão à sina de nos cair no prato. O *soundsystem* ecoa, mas as salas são amplas e o som perde-se. As figuras moldam os seus corpos nas camas, nos campos, na areia, onde adormecem agarradas ao prazer. Ouve-se a agulha, acende-se uma, joga-se à bola e a labuta prossegue. Esquinas. Caminhos. Craquelas que se dão dentro e fora das imagens.

Nenhuma imagem se emancipa sem que haja entendimento, mas o processo de dar a ver é longo e, amiúde, penoso. Durante esse processo de dar ao mundo, o artista vai-se quase sempre afastando da experiência mágica a que só ele acede quando mergulha no processo de *fazer*. Nesse primeiro momento mágico, em que intuição, conhecimento e percepção se fundem, o tempo pára. A fotografia pára o tempo. O cavalo branco cessa de existir. Fechamos o olhar na cabeça do cavalo, ouvimos a conversa das formigas, sentimos o rastejar da serpente que se aproxima. Ligamos a aparelhagem e reconhecemo-nos no escuro.

Num processo criativo, engajado, com intenção mais ou menos trazida ao consciente, esse tempo que a fotografia consegue parar cresce dentro de nós e uma imagem forma-se no corpo. Às vezes no intestino, às vezes no estômago, nos órgãos genitais, outras na garganta, outras ainda no maxilar, etc., etc. Estamos no mundo, sentimos a potência da imagem que vai surgindo com entusiasmo e fazemos a representação. Depois de largarmos o dispositivo, a imagem continua em transformação. Num momento seguinte, depois de processada a película, observamos os fotogramas e é nessa matéria que se revela a magia de uma imagem que, saindo de nós, nos lança um olhar estranhamente familiar e nos enfeitiça. Sentimos esse poder, às vezes com descrença, outras com frustração, mas sempre com espanto.

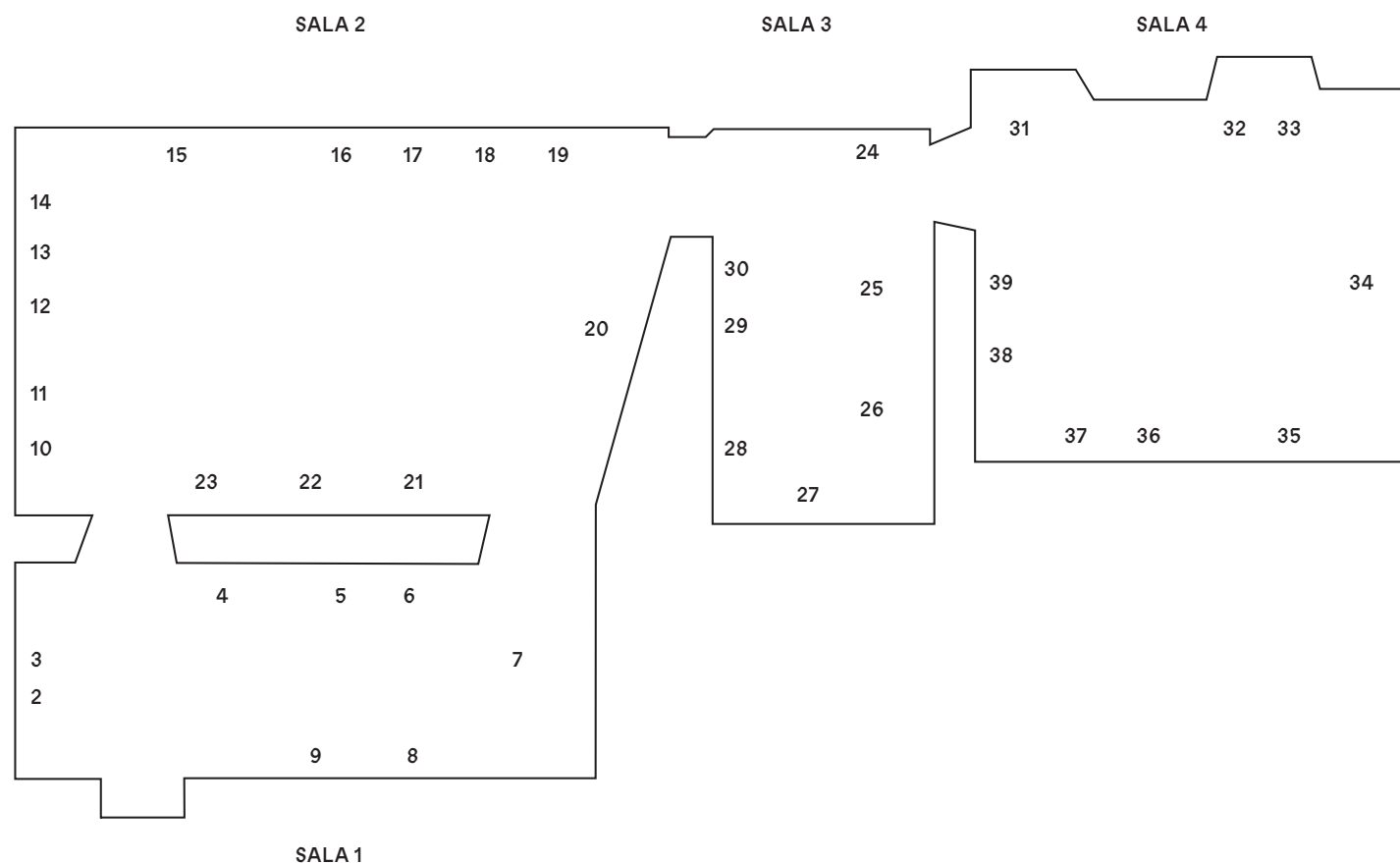
Nas fotografias do imediatismo (aquelas que nascem já fora do corpo, no ecrã) há doses letais de dopamina. Aí tudo é político, tudo imediatamente público, consequente e mundano. Aí o pensamento não consegue inverter a ampulheta. Cheira a poder e quem não quiser ir a jogo que se foda. Aqui, onde há imagens da fotografia que pára o tempo, tudo nos aparece sem metrónomo. Diria mesmo que *sem território*. Terra de ninguém e de toda a gente. Terra de praias e de gente que trabalha o mar. Terra de pinhais densos e zonas áridas, por onde a liberdade vibra a baixas frequências e ninguém vê nada. Terra de céus de ir às lágrimas, de cheiro a sal, mas também de um urbanismo segregador, que insiste em fechar pessoas em gavetas e lançar a chave ao rio. Terra de resistências, como a arte.

Essa tal arte é uma dimensão que permite um conhecimento que vai para além do entendimento. Já o dissemos. Aí, nessa *zona*, um banquete está à nossa disposição e nessa experiência o comum é apolítico. O que nos une – e aqui remeto para uma relação intra e interespécies – é tão mais vasto do que um território de referentes legitimados, que só uma anedonia pode justificar a falta de empatia com o prazer de existir para além dos limites que a sociedade nos impõe. Voamos das janelas dos prédios para as praias selvagens e dormimos na areia, abraçando com os nossos corpos as histórias de todas as gentes que por lá dormiram. Semicerramos os olhos, vemos as ideias a dançar à volta de algas, mas também do entulho que caracteriza a paisagem deste país tão incrivelmente gigante na sua diversidade e tão estupidamente medíocre nos seus medos. Voltamos à gaiola, porque às vezes não sabemos se somos seres livres ou animais domesticados.

É isto: uma coisa é uma coisa e outra coisa é outra coisa, mas ambas são parte da mesma coisa. Isto não é retórica. Estamos, todos, conectados, ainda que não falte quem promova a ideia de zonas de segurança. A imagem mediatizada trata de alimentar o mito de que há um centro, onde está a origem, e em torno do qual se fundam margens, para onde vai tudo o que degenera dessa origem. Mas com a fotografia criamos imagens particulares e nesta fotografia, analógica e lenta, a resistência é ontológica. Nela se reinventa e/ou subverte o discurso de poder estabelecido. Apagam-se infinitos, concretiza-se, abstrai-se, nivela-se, compara-se, adapta-se. Um homem não sabe para onde caminha e nós oferecemos-lhe o rio. Nas esquinas, damos visibilidade aos fantasmas que se perderam nessa encruzilhada. Nos becos, inventamos saídas.

Porque, ao congelar o tempo, a imagem fotográfica nos conecta com o presente, intriga-nos, às vezes, que nos diga tanto e tão pouco. É decerto um jogo (sério) com o qual a fotografia sabe brincar como ninguém. Falamos da tal sensação do que nos é estranhamente familiar, ao mesmo tempo popular e misterioso, perene e efémero, particular e universal. Em *Terra Livre*, reconhecemos Portugal, mas o que se nos oferece sobretudo é um vislumbre de um território de gentes que não pertencem a lado algum, senão aos lugares que se cruzam com a experiência fotográfica do artista, Diogo Simões. É um território de intimidades e de histórias que, desta forma, ascendem à imortalidade.

Sofia Silva, Novembro, 2023



ESCADAS

1. *Ringue*

Impressão jacto de tinta, 231 × 289 cm

SALA 1

2. *Garras na Maxada*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

3. *Burri*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

4. *Segundo aniversário*

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

5. *Marchas de 2016*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

6. *Bambino*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

7. *Alternadora*

Impressão jacto de tinta, 200 × 248cm

8. *Chakras*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

9. *Associação*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

SALA 2

10. *Núria*

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

11. *Putos a jogar à bola no final do Verão*

Impressão jacto de tinta, 60 × 89 cm

12. *Porta CCL*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

13. *Manel a caminho da Seca*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

14. *Ponta*

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

15. **55**

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

16. ***Carrinha em frente à casa da Madalena***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

17. ***Azul***

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

18. ***Patação***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

19. Sem título

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

20. ***Teresa***

Impressão jacto de tinta, 231 × 289 cm

21. Sem título

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

22. ***Apanha***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

23. ***Veia***

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

SALA 3

24. ***Robala na Lagoa***

Impressão jacto de tinta, 75 × 49 cm

25. ***Alga, ponta do mato***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

26. ***A caminho da quinta***

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

27. ***Amigo Nuno***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

28. ***Férias do Fred***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

29. ***Vento***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

30. ***Lagameças***

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

SALA 4

31. ***Entre o comboio e a A2***

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

32. ***Graca e Dé***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

33. ***Cozinha do Batori***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

34. Sem título

Impressão jacto de tinta, 289 × 231 cm

35. ***Maria na casa da Teresa***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

36. ***Cheias***, 2021

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

37. ***Díptico Fábio***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

38. ***Pavilhão n.º 1***

Impressão jacto de tinta, 75 × 60 cm

39. ***Johny***

Impressão jacto de tinta, 60 × 75 cm

TERRA LIVRE
DIOGO SIMÕES

Curadoria
António Júlio Duarte e Natxo Checa

Produção
ZDB

Montagem
Carlos Gaspar
Pedro Henriques
Vitalyi Tkachuk

Comunicação
Catarina Rebelo

Design Gráfico
Sílvia Prudêncio

30.11.2023—17.02.2024
Segunda a Sábado das 18h às 22h

GALERIA ZÉ DOS BOIS
Rua da Barroca 59, 1200-047
zedosbois.org